



## Dora, uma arquitetura para sonhar.

*Dora, an architecture to dream*

Lúcia Leitão\*

### Resumo:

O sonho de Dora (Freud, 1905), inteiramente atravessado por espaços e elementos próprios da arquitetura — ruas, praças, casa, quarto, estação, portaria, apartamento, porta —, é o ponto de partida para as questões eminentemente especulativas que estas notas trazem à tona. A partir dessa fala, ancorada na teoria da arquitetura e na psicanálise, trabalho com a hipótese de que o fazer arquitetônico, muito mais do que a produção física da “cena onde decorre a nossa vida”, como queria Zevi, é também, e talvez principalmente, uma demanda psíquica de natureza inconsciente. Assim, à semelhança da polissemia da palavra em consequência do sujeito que fala, como ensinou Freud, ou da polifonia dessa fala, como bem compreendeu Lacan, o espaço da arquitetura manifesta também uma “poliestesia”, isto é, um sentido único, subjetivo, (in) compartilhável para cada sujeito em sua experiência de existir. Concluo argumentando que, para além de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas a arquitetura é, ela própria e em si mesma, uma articulação simbólica e, como tal, uma manifestação particular do inconsciente. Um ponto, aliás, muito bem intuído por Ruskin, quando adverte sobre a essencialidade da arquitetura para além da sua materialidade. Sem a arquitetura, diz ele, não podemos recordar. Podemos sonhar?

**Palavras-chave:** Arquitetura, psicanálise, subjetividade.

### Abstract:

The dream of Dora (Freud, 1905), fully crossed by spaces and architectural elements themselves - streets, squares, house, room, railway station, concierge, apartment door - is the starting point for an eminently speculative issues that these paper bring up. From this speech, anchored in architectural theory and psychoanalysis, I am working with the hypothesis that make architectural, much more than the physical production of “scene takes place where our life” as wanted Zevi, is also, and perhaps mainly a demand unconscious psychic in nature. Thus, like the polysemy of the word as a result of the speaking subject, as Freud taught, or polyphony of this speech, as well understood Lacan, space architecture also expresses a “poliestesia”, a single direction, subjective (non) shareable for each subject in his experience there. I conclude by saying that, in addition to a set of widths, lengths and heights of the architecture is in itself and in itself a symbolic articulation and, as such, a particular manifestation of the unconscious. A point, incidentally, very well intuited by Ruskin, when he warns about the essentiality of architecture beyond its materiality. Without architecture, he says, cannot remember. Can we dream?

**Keywords:** Architecture, psychoanalysis, subjectivity.

\*Arquiteta, Doutora em Arquitetura, realizou estágio Pós-doutoral na Sorbonne (Paris-Descartes). É professora da Graduação e da Pós-Graduação da UFPE. Publicou Os movimentos desejantes da cidade, texto premiado; A casa nossa de cada dia com Luiz Amorim e Quando o ambiente é hostil. Pesquisadora do CNPq tem especial interesse na teoria da arquitetura e na psicanálise.

“Qual é o lugar mais importante da sua casa? Eu acho que essa é uma boa pergunta para início de uma sessão de psicanálise. Porque quando a gente revela qual é o lugar mais importante da casa, a gente revela também o lugar preferido da alma” (ALVES, 2000).

**E**ssa articulação entre casa e alma ou, em outras palavras, entre *arquitetura e psiquismo*, sugerida pelo escritor Rubem Alves, é o ponto de partida para as questões claramente especulativas que estas notas breves pretendem trazer à tona.

Qual é o papel da arquitetura, do espaço edificado, no psiquismo humano? De onde vem o desejo (e não a ação) de espacejar?<sup>1</sup> Quais são as implicações desse desejo na experiência de habitar o mundo? Será que a arquitetura não é ela própria uma narrativa, um discurso, uma articulação simbólica e, como tal, uma manifestação particular do inconsciente?

O sonho de Dora, apresentado em *Análisis Fragmentario* de una histeria, Freud ([1905], 1973, p. 985), permanentemente atravessado em sua narrativa por espaços e elementos próprios da arquitetura, chamou-me a atenção para as questões anteriormente formuladas.

Eu estou passeando, contou Dora a Freud, por *uma cidade* que não conheço, e vejo ruas e praças que me são estranhas. Depois, entro numa casa onde moro, vou até meu quarto e ali encontro uma carta de mamãe [...]. Vou então até a estação e pergunto umas cem vezes onde fica a *estação*. [...]. Vejo a *estação* diante de mim e não consigo alcançá-la. Isso é acompanhado por um sentimento de angústia que se tem nos sonhos quando não se consegue avançar. Depois, estou em casa [...]. Entro na *portaria* e pergunto ao porteiro sobre nosso *apartamento*. A criada me abre a porta e me responde: “Mamãe e os outros estão no cemitério”.

Na sessão seguinte, segundo uma nota de rodapé de Freud no mesmo texto, Dora acrescentou: “Eu me via com singular nitidez subindo a escada. E depois da resposta dela, fui para o meu *quarto* [...]” (itálicos meus).

1. De onde nasce e como se organiza no espírito humano esta necessidade ou esta vontade de ‘espacejar’ é uma questão outra e bem mais complexa”, aspas no texto consultado, (ARGAN, 2000, p. 82).

2. São recentes, ainda, as experiências realizadas com fetos humanos capazes de comprovar a vivência dos atributos próprios da casa, quando a vida ainda está se dando no ventre materno. O avanço da ciência e da tecnologia em tempos recentes notadamente a utilização do ultrassom contribuiu para que se saiba um pouco mais sobre o que ocorre na vida pré-natal e o que impressões mnemônicas fixadas a partir da vivência do espaço uterino podem significar para a apreensão do sentido de morar. Essas experiências, escreve Wilhelm, mostram que: “Muito antes de nascer o feto pode perceber a luz e o som, é capaz de engolir, ter paladar, escolher uma posição predileta, registrar sensações e mensagens sensoriais. Que ele, dorme, sonha, acorda, boceja, esfrega os olhos, espreguiça-se, faz caretas, pisca, dá ‘passos’, ouve, reconhece a voz de sua mãe, brinca com o seu cordão umbilical.... chupa o dedo, o dedão do pé, reage com irritação quando se sente molestado, e apresenta rudimentos de aprendizado. Sabemos também hoje que o feto tem emoções: experimenta prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar” (itálicos meus).

3. Tradução livre do original: «N’habite pas avec intensité que celui qui a su se blottir».

Como se vê, essa fala traz à tona, de modo surpreendente talvez, para além da narrativa em si mesma, a associação entre sonho e espaço, entre a arquitetura e a manifestação da vida psíquica em sua expressão inconsciente. Nessa narrativa, interessa-me menos o discurso - do que fala Dora em termos psicanalíticos quando conta esse sonho a Freud, terreno dos psicanalistas -, do que a presença constante, nessa experiência onírica, de elementos espaciais próprios do fazer arquitetônico.

Penso que, para a teoria da arquitetura, alguns aspectos desse discurso onírico manifesto merecem especial atenção. O primeiro deles é a essencialidade da arquitetura para além da sua dimensão física, tectônica. Irredutível à função de abrigo, essa essencialidade se deve à própria constituição da subjetividade. Nesse sentido, a ideia de que *arquitetar* é [também e talvez principalmente] *uma demanda psíquica* parece-me ser a chave-mestra para refletir sobre essa essencialidade e, conseqüentemente, sobre a articulação entre arquitetura e psiquismo que aqui se esboça.

No rastro da anotação de Freud de que “a casa é um sucedâneo do útero”, ([1929-30], 1973, p. 3034) é lícito supor que a demanda psíquica da qual se falou acima deriva do fato de que o arquitetar reproduz uma experiência primitiva sequer suspeitada pela teoria da arquitetura. Olivier Marc (1972) vai além dessa minha suposição ao defender a ideia de que foi essa experiência espacial

primeira que mobilizou os construtores das cabanas primitivas. Por que, pergunta ele, o homem primitivo teria abandonado a caverna para erguer uma habitação menos segura e menos confortável do que o espaço oferecido pela natureza? Porque, responde o arquiteto francês citado, havia um modelo interior [subjetivamente inscrito no psiquismo] a ser perseguido, uma matriz a ser reproduzida: a experiência espacial uterina.

Será? Será que aquele espaço primeiro, espaço de origem, ensina o ser humano a habitar o mundo, no sentido heideggeriano do termo? Teria aquela primeira experiência espacial inscrito um registro psíquico que impulsiona o espacejar? Seria essa a razão que faz da arquitetura o espaço das cavidades, como escreve Zevi (1977)? E do entrar, do estar dentro, a experiência arquitetural por excelência (LEITÃO, 2007)?

Do ponto de vista psicanalítico, Wilhelm (1996) parece ratificar essa ideia quando adverte que muito antes de nascer o feto *dorme, acorda, boceja, espreguiça-se, dá passos*<sup>2</sup>, etc., atitudes próprias de quem habita uma casa. Seria a intuição desse fato que fez Bachelard (2011, p. 19), muito antes do advento do ultrassom possibilitar a realização das pesquisas de Wilhelm, afirmar que “não habita com intensidade senão aquele que já soube encolher-se”<sup>3</sup> Estaria aí uma primeira e indelével associação entre espaço e psiquismo? Estaria aí outra vez uma razão para que se tenha o espaço como expressão onírica?



Figura 1. Emygdio de Barros. Fonte: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/colecoes/emygdio02.html>. Acesso em 22.01.2013



Figura 2. Emygdio de Barros. Fonte: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/colecoes/emygdio02.html>. Acesso em 22.01.2013

Será que não se tem nessa associação um indício de que o espaço, no sonho, é na verdade a representação onírica de uma falta inescapável, de uma busca incessante? Aquela mesma que nos persegue indefinidamente vida afora em busca de nós mesmos? A experiência espacial, anterior à palavra, nos faz reféns psíquicos dessa experiência? Estaria nessa experiência uma explicação para o desejo de spacejar? Um desejo que extrapola, e muito, a simples necessidade de abrigo? Um desejo que para além de fincar marcos e estacas, constitui a subjetividade?

Um segundo ponto a refletir, decorrente do anterior, diz respeito à importância subjetiva do espaço edificado que o arquitetar propicia. No sonho de Dora, essa dimensão imaterial da arquitetura surge no movimento espacial que a narrativa onírica traz à tona. Durante todo o sonho, Dora se movimenta por entre espaços e elementos arquitetônicos. Passeia por uma *cidade*, caminha por *ruas e praças*, sobe uma *escada*, atravessa uma porta, entra em seu quarto, etc. Seria esse movimento uma extensão do espreguiçar-se, do dar passos no espaço uterino? Seria nesse e com esse movimento que a arquitetura se define — como *arkhé* e não como tectônica?

A necessidade de espaço para o movimento do corpo humano está presente na arquitetura desde sempre. Foi, por exemplo, para atender a essa necessidade que a humanidade abandonou a forma cônica da cabana primitiva,

trocando-a pelo cubo, uma forma muito mais adequada para acolher o corpo humano quando o movimento o faz pôr-se de pé. Mas essa necessidade de movimento de que se trata aqui está longe de ser a simples manifestação de um corpo humano que se desloca. *Caminhar é ter falta de lugar*, escreve Michel de Certeau (1994, p. 183) - arguto leitor de Freud, como se sabe. Nesse sentido, à luz da psicanálise, locomover-se, movimentar-se, deslocar-se de um ponto a outro resulta de uma demanda psíquica própria do humano, aquela mesma presente no *flâneur* benjaminiano quando, em sua *flânerie*, sequer sabe aonde vai, do que precisa, ou o que busca existencialmente.

Seria essa uma explicação plausível para o fato de Dora, depois de ir até a estação, depois de tê-la diante de si, não conseguir alcançá-la? Estaria nesse sonho uma indicação de que o ato de spacejar é uma questão outra e muito mais complexa — uma demanda psíquica inconsciente — do que a simples expressão tectônica?

O terceiro e último ponto a sublinhar aqui, a partir do sonho narrado, é a ideia de que o espaço da arquitetura se define pelo movimento de quem dele se apropria. Daí sua dimensão imaterial. É para essa direção que aponta ainda Michel de Certeau (Id., p. 176), quando anotou que “os passos *moldam o espaço*”, isto é, a arquitetura se define pela *frequentação*, como queria Evaldo Coutinho (1977).



Figura 3. Fernando Diniz. Fonte: <http://www.museuimagens-doinconsciente.org.br/colecoes/fernandod01.html>. Acesso em 22.02 2013

Segundo Coutinho, mestre de sucessivas gerações de arquitetos brasileiros, a frequência, o dar passos, é um elemento próprio do fazer arquitetônico. Assim, sem a frequência, sem que os passos moldem o espaço, não teríamos o espaço arquitetônico em sua plenitude. É nesse sentido que o autor citado, ao refletir à luz da filosofia, se refere à pessoa *arquitetural*, pessoa essa definida a um só tempo como “um valor da arquitetura e como um co-arquiteto que se reservara à função de ultimador da obra” (Id., p. 232) arquitetônica.

Destarte, sem a experiência subjetiva do usufruto do espaço edificado não seria possível definir a arquitetura. Sem essa experiência humana, quatro paredes, um piso e um teto constituiriam apenas uma caixa, conforme escreveu Zevi (op. Cit.). É apenas pela *frequência* que essa caixa se faz arquitetura. É quando o ser humano entra e vive, ainda Zevi, isto é, experiencia o espaço que edifica, que esse espaço se faz arquitetura. Uma frequência que faz de cada espaço uma experiência pessoal, subjetiva, única.

Assim, à semelhança da polissemia da palavra falada em consequência do sujeito que fala, como ensinou Freud, ou da polifonia dessa fala, como bem compreendeu Lacan, o espaço da arquitetura manifesta também uma “poliestesia”, isto é, um sentido único, subjetivo, (in) compartilhável para cada sujeito, em sua experiência de existir.

É nesse sentido que Coutinho assinala, ainda, que a nave barroca freqüentada pelo fiel contemporâneo não é a mesma nave onde rezou o crente oitocentista, ainda que esse ambiente se mantenha fisicamente intacto. Em outras palavras, o espaço da arquitetura se transmuta cotidianamente cada vez que alguém faz uso dele. Desse modo, teríamos tantos espaços quantas experiências subjetivas tenham feito de uma caixa qualquer um espaço arquitetônico, uma circunstância psíquica testemunhada por Proust (2003, p.16) quando escreveu assim: “a maçaneta da porta, [do seu quarto] [...] para mim era diferente de todas as outras maçanetas do mundo”. É quando se tem a dimensão imaterial do espaço edificado.

Dora caminhava por uma cidade, por ruas e praças que lhe permitiam vivenciar uma experiência muito particular. Uma experiência à qual ela estava ligada de modo indelével, a ponto de ser parte da sua própria subjetividade. Uma cidade, uma rua, uma casa, um espaço a partir do qual possível expressar a si mesma. Nesse sentido, essa cidade, essas ruas e praças, essa casa e esse quarto, aquela estação, a portaria, o apartamento, não eram apenas elementos de uma narrativa, mas manifestação da sua própria experiência de existir.

“Talvez estejamos aqui para dizer: casa, ponte, fonte, portão [...]”, escreveu Rainer Maria Rilke em sua Nona Elegia (1989, p.193). Estaríamos aqui para espacejar? Espacejar é uma outra forma de dizer? É um modo de dar conta do inefável? Será

que arquitetamos movidos — para além das necessidades objetivas de abrigo — por uma experiência, uma falta, uma busca, inescapáveis para o humano?

Dito de outro modo, *estamos aqui para dizer: casa, ponte, fonte, portão*, ou, nas palavras de Dora, *cidade, ruas e praças, casa, quarto, estação, portaria, apartamento, porta, cemitério*, porque espacejar remete a um desejo irrenunciável da condição humana. Um desejo indestrutível que, como o define Freud, marca o humano em sua aventura por *um canto no mundo*, como queria Bachelard (op. cit), em sua busca por um dizer, por um sonho, por uma experiência, por uma arquitetura.

Por fim, penso que a experiência espacial que Dora narra, diferentemente do que pode parecer à primeira vista, não é apenas parte de uma narrativa onírica, fragmento de um sonho, mas antes expressa em si mesma uma parte essencial e constitutiva da própria subjetividade. E isso porque o espaço da arquitetura é também ele uma articulação de sentidos e significados, a exemplo da polissemia da fala humana, como foi anotado antes. Uma articulação que põe em relevo a falta que define o humano, tão bem assinalada por Michel de Certeau.

Voltando à articulação inicial entre espaço e psiquismo sugerida por Alves, finalizo estas notas lembrando aqui o que escreveu Jonh Ruskin em *As sete lâmpadas da arquitetura* (p. 54), texto hoje

clássico. O pensador romântico do século XIX, no capítulo em que trata da lâmpada da memória, escreveu assim:

[...] há apenas dois fortes vencedores do esquecimento dos homens, Poesia e Arquitetura; [narrativa e espaço] e a última de alguma forma inclui a primeira [...]. [...] a Arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela.

Sem a arquitetura não podemos recordar. Podemos sonhar?

### Referências bibliográficas

**ALVES, Rubem.** “A Cozinha”. In: *Correio Popular*, Caderno C, 19 mar. 2000.

**ARGAN, Giulio Carlo.** “Sobre o conceito de tipologia arquitetônica” [1962]. In *Projeto e destino* (pp. 65-78). São Paulo: Ática, 2000.

**BACHELARD, Gaston.** *La poétique de l'espace*. Paris: PUF, 2011.

**CERTEAU, Michel de.** *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

**COUTINHO, Evaldo.** *O espaço da arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

**FREUD, Sigmund.** “Análisis fragmentario de una histeria” [1905]. In *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, pp. 933-1002.

**FREUD, Sigmund.** “El malestar en la cultura” [1929-30]. In *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3034-3067.

**LEITÃO, Lúcia.** “Entra na tua casa: Anotações sobre arquitetura, espaço e subjetividade”. In Lúcia Leitão e Luiz Amorim (Org.). *A casa nossa de cada dia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007, pp. 49-69.

**MARC, Olivier.** *Psychanalyse de la maison*. Editions du Seuil, 1972.

**PROUST, Marcel.** *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

**RILKE, Rainer.** *Sonetos a Orfeu: Elegias de Duíno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

**RUSKIN, John.** *A lâmpada da memória*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.

**WILHEIM, Joana.** *Novas contribuições para o estudo do psiquismo pré e perinatal*. Recife: Círculo Psicanalítico de Pernambuco, 1996.

**ZEVI, Bruno.** *Saber ver a arquitetura*. Lisboa: Editorial Minerva, 1977.

